

Excesso e contenção nos contos de Rubem Fonseca: o estranho caso dos anões¹

Francisco TOPA

Universidade do Porto / CITCEM

Abstract: In the short stories by Rubem Fonseca (1925-2020) there is an excess (of violence – physical, psychological, social, linguistic), strangely combined with a strong mark of contention. One of its expressions is related to the regular appearance of dwarves, which seems a kind of obsession. This overexposure highlights, on the one hand, the margin to which people with achondroplasia are relegated and, on the other hand, acts as a mirror in which others look at themselves, almost always in a too restrained way, just at a glance, but also with an excessive anxiety that takes them to the other side, to a kind of supernatural world. However, the silence, the gap, the lack, are too noticeable, and it is up to the reader to break this containment.

Keywords: *Rubem Fonseca; short stories; dwarves.*

Na sua origem latina, *excesso* (do verbo *excedo*, que significa “sair”, mas também “ultrapassar”, “ir além”) já continha os principais semas que a palavra apresenta hoje em português (e nas línguas para onde o termo migrou). Para além da ideia de “diferença para mais, de uma quantidade sobre a outra”, *excesso* é, segundo o *Houaiss*, “o que passa da medida, dos padrões de normalidade”, o que justifica outras aceções, como “exagero”,

¹ Embora saiba que o termo é hoje objeto de restrições, é essa a forma que surge nos contos de Rubem Fonseca. Usarei a palavra em alternância com expressões equivalentes.

“aquilo que sobra”, “ação descontrolada”, “limite extremo, cúmulo”. Não há, pois, diferença significativa face ao que escreveu em 1712 Bluteau no seu *Vocabulario portuguez, e latino*: “Acção que excede os limites prescritos á razão”. Podemos assim concluir que o termo funciona em dois planos, físico e metafísico, apontando este último, de modo mais ou menos claro, para o domínio da moral.

Pensando na obra contística de Rubem Fonseca, a ideia de excesso parece ajustar-se como uma luva: qualquer que seja a ponta por onde comece, o leitor depara-se de imediato com um excesso de violência, de todos os tipos (física, psicológica, social, linguística). Num registo quase sempre seco, direto, sem grandes explicações, com uma brutalidade ou um brutalismo muitas vezes sublinhado por uma 1.^a pessoa que parece situar-se fora da história que conta, Rubem Fonseca conta-nos assaltos e homicídios marcados pela gratuitidade e por patologias várias, agressões e violências de marginais e de representantes da ordem e da boa sociedade, que não poupam velhos nem crianças, ao mesmo tempo que nos confronta com comportamentos anómalos ou bizarros de todo o tipo, muitos vezes enquadráveis em doenças ou naquilo a que, informalmente, tende a ser classificado como perversão. A própria obra é, nos seus mais de trinta volumes, excessiva: alguns críticos, avaliando os últimos livros publicados, acusaram o autor de já não ter nada a acrescentar à sua obra, estando apenas a repetir-se.

Ao mesmo tempo, e por paradoxal que possa parecer, o conto de Fonseca é também fortemente marcado pela contenção, isto é, pelo esforço de conter, (auto)controlar(-se), por um propósito de comedimento e moderação. Note-se, antes de mais, que as narrativas são quase sempre curtas e não é fácil encontrar nelas um adjetivo ou uma palavra a mais. Por outro lado, quase não há lugar a explosões emotivas; pelo contrário, os textos são tantas vezes marcados por uma contenção emotiva tão extrema que chega a tornar-se violenta.

Um dado estranho da obra de Rubem Fonseca tem que ver com um pormenor que o não é assim tanto: o aparecimento regular de anões, ou pelo menos a referência frequente a anões. À partida, poderíamos pensar

que não há nada de estranho neste aspeto, tanto mais que as pessoas com nanismo são cidadãos como quaisquer outros, não devendo, portanto, a sua utilização narrativa merecer reparo especial. Veremos, contudo, que não é assim e que a consideração desta categoria pode levar a uma leitura um pouco diferente da obra de Fonseca e a perspetivar de outro modo essa dialética excesso/contenção.

Um dos casos ocorre em num livro de 1975 que, em plena ditadura militar, chegou a ser apreendido pelas autoridades, sob a acusação de pornografia: *Feliz Ano Novo* (1975). Refiro-me ao conto “Intestino grosso”, em que uma jornalista entrevista um escritor controverso que só aceitara falar sob a condição de ser pago por palavra. O tema central é precisamente a pornografia: comportando-se como uma espécie de alter-ego de Fonseca, o escritor começa por aceitar a classificação de pornográfico, que justifica com o argumento de que “os meus livros estão cheios de miseráveis sem dentes”². Em seguida, e a propósito de um seu livro intitulado *O anão que era negro, padre, corcunda e míope*, disserta sobre o conceito, sustentando que o conto *Hansel e Gretel* (no Brasil conhecido sob o título de “João e Maria”) “É uma história indecente, desonesta, vergonhosa, obscena, despudorada, suja e sórdida”³. Em contraponto, defende a necessidade de uma verdadeira pornografia, capaz de “desexcomungar o corpo” e através da qual os artistas “investiguem, da maneira que só nós sabemos fazer, ao contrário dos cientistas, as ainda secretas e obscuras relações entre o corpo e a mente, esmiúcem o funcionamento do animal em todas as suas interações”⁴.

A referência ao livro *O anão que era negro, padre, corcunda e míope* parece servir para justificar tanto o conceito de literatura da personagem escritor quando o modo como ele entende a pornografia. Ao explicar que “não existe anão algum no livro. Mesmo assim alguns críticos afirmam que ele simboliza Deus, outros que ele representa o ideal da beleza eterna, outros ainda que é um brado de revolta contra a iniquidade do terceiro

² Rubem Fonseca, *Feliz ano novo*, 2.^a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 164.

³ *Ibid.*

⁴ *Ibid.*, p. 171.

mundo”⁵, o escritor enfatiza o seu dissídio com um sistema literário que queria “que eu escrevesse igual ao Machado de Assis” e que parece perdido em si mesmo. Por outro lado, negando a natureza pornográfica do livro, enfatiza o poder da palavra, sobretudo quando liberta de um referente, como acontece com o título do livro. *O anão que era negro, padre, corcunda e míope* parece assim equivaler aos “miseráveis sem dentes”: “negro” (no contexto brasileiro), “corcunda” e “míope” são adjetivos claramente disfêmicos, o que acaba por contaminar os dois nomes, “anão” e “padre” – nomes que aliás dificilmente andam juntos, sabido que é como a igreja exclui, ainda hoje, do sacerdócio os candidatos que não correspondam ao padrão da “normalidade”.

Nesta primeira ocorrência, *anão* está, pois, rodeado de uma carga negativa, parecendo equivaler a uma disformidade, percepção ainda hoje muito difundida na sociedade. Note-se, aliás, que os dicionários contemporâneos averbam para “anão” o sentido figurado de “sem valor” e “insignificante”.

O conto não nos dá informação sobre o tipo de nanismo que estará em causa. Como é do conhecimento geral, nanismo é a condição de uma pessoa cuja altura é muito menor que a dos seus congêneres; mas há vários tipos de nanismo, designadamente o proporcional (em que os órgãos mantêm a mesma proporção) e o desproporcional (em que a proporção de alguns órgãos é superior à de outros, podendo suceder que também a coluna se apresente afetada, como no título do livro).

Ao longo da história, os anões foram usados, em algumas sociedades, como favoritos, bobos ou artistas, designadamente nas cortes e nas casas de pessoas importantes, desde o antigo Egito e Roma até pelo menos ao século XVIII, passando pela Europa medieval e renascentista. Já no que diz respeito ao folclore, a presença dos anões é forte sobretudo entre os povos escandinavos e, em menor grau, germânicos. Atuando como uma espécie de fadas, os anões eram dados como habitando o interior das montanhas e as minas, podendo ter a aparência de belos jovens ou assumir o aspeto de

⁵ *Ibid.*, p.170.

velhos com longas barbas e, em alguns casos, corcundas. Surgem também como hábeis artesãos, peritos sobretudo nos trabalhos em metal e na forja de espadas e anéis mágicos, e como detentores de grande sabedoria e de conhecimentos secretos, assim como do poder de prever o futuro, assumir outras formas ou tornar-se invisíveis.

Há lendas e contos em que os anões aparecem como auxiliares generosos, mas há também os casos em que eles têm comportamentos agressivos e vingativos. A psicologia moderna tende a interpretar esta figura como representando as forças obscuras que existem no ser humano e as manifestações descontroladas do inconsciente⁶, ao passo que os historiadores da cultura e os antropólogos se inclinam a ver nela o símbolo da morte ou do além-túmulo.

Segundo Claude Lecouteux, que dedicou um livro à história dos anões, o cristianismo teve um profundo impacto na evolução do tema:

Historical evolution and, more significantly, Christianization represented an assault from which the dwarfs would never recover. Confused with incubi, demons, and devils, the different races conveniently defined by the word "dwarf" now formed but a single family. Seeing in it the trace of a detested paganism, the church struck it with anathema, adulterated the bulk of the beliefs that it brought back, and so thoroughly entangled the threads of the various traditions that an almost inextricable cable snarl was created that causes researches to recoil⁷.

Na literatura culta, o anão mais famoso é certamente Alberich, que desempenha um papel fulcral em *Nibelungenlied*, ao passo que, na chamada literatura popular, o destaque vai para o conto 53 da coletânea dos irmãos Grimm, "Schneewittchen" (conhecido em português como "Branca de Neve e os sete anões").

Não é certo que estas considerações sejam de grande utilidade para a leitura da figura do anão nos contos de Rubem Fonseca. De qualquer

⁶ Jean Chevalier et Alain Cheerbrant, *Dictionnaire des Symboles: mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*, Paris, Robert Laffont et Jupiter, 1992, p. 657.

⁷ Claude Lecouteux, *The Hidden History of Elves and Dwarfs: Avatars of Invisible Reals*, tradução de Jon E. Graham. Rochester, Vermont, Inner Traditions, 2018, p. 2.

modo, e tentando evitar cair nas conclusões ridículas dos críticos mencionados em “Intestino grosso”, vejamos outras ocorrências do tema na obra do escritor mineiro. É em *Amálgama*, de 2013, que o número de narrativas com anões é maior: quatro. A primeira delas é “Decisão”, em que a figura é apenas referida de passagem, como parte de um princípio do matador-narrador (ou vice-versa): “Não matei o cara e perdi uma boa grana. Mas ele era um anão. Anão também não mato”⁸. Declarações semelhantes surgem noutros contos, sem que haja uma justificação. Na melhor das hipóteses, o narrador formula uma variação do princípio que inclui outras categorias de seres humanos. Por exemplo, em “Um homem de princípios”, do livro *Calibre 22*, de 2017, declara o protagonista no final da história: “Eu tenho os meus princípios, já disse. Não mato mulher, criança e anão. E sou honesto”⁹. Lido assim, parece sugerir-se que, para o matador, o anão não é um igual e que seria, portanto, cobardia atacá-lo.

Apesar disso, há exceções, embora nem sempre cometidas por um matador. A que mais se destaca é talvez a do conto “O anão”, do livro *O buraco na parede*, vindo a público em 1995. Nela, um narrador em 1.^a pessoa, ex-bancário despedido pelos erros contabilísticos que ele atribui a um forte apetite sexual resultante do facto de lidar muito com dinheiro, conta a perda de três pessoas importantes na sua vida: uma ex-namorada, uma mulher por quem estava apaixonado e um anão seu amigo. A primeira e a última tinham sido assassinadas por ele, a mulher de forma acidental, o anão para pôr cobro a uma chantagem. Num procedimento que não é caso único na contística de Fonseca, este homicídio volta a ser referido em “Perspectivas”, da antologia *Amálgama*: “Tem sempre um anão se metendo na minha vida. Até já matei um e coloquei dentro de uma mala. Fiquei um dia e uma noite sem saber o que fazer com aquela bagagem”¹⁰.

Outra exceção ocorre em “Nada de novo”, que integra a coletânea de 2018 *Carne crua*. Neste caso, o narrador autodiegético volta a ser um matador, que a certa altura conta como não cumpriu a encomenda:

⁸ Rubem Fonseca, *Amálgama*, Porto, Sextante Editora, 2014, p. 32.

⁹ Rubem Fonseca, *Calibre 22*, Porto, Sextante Editora, 2018, p. 14.

¹⁰ Rubem Fonseca, *Amálgama*, *op. cit.*, p. 43.

“Macacos me mordam! O Despachante não dissera que o alvo era um anão. Eu não mato mulher nem anão. Será que o Despachante não sabe disso?”¹¹. Apesar disso, assume mais à frente que matara um anão, precisamente o irmão que encomendara a morte do primeiro anão, que ele recusara executar: “dei um tiro na cabeça do anão. Afinal, eu tinha matado um anão!”¹². Relativamente a este último, especifica-se que o nanismo é desproporcional: “O senhor Ramiro Silva tinha o corpo pequeno, mas cabeça grande”¹³.

Para além destas ocorrências em que parece haver um incómodo disfarçado por uma espécie de comiseração para com as pessoas com acondroplasia, há casos em que figuras deste tipo são mencionadas com algum desdém. É o que sucede em “Fazer as pessoas rirem e se sentirem felizes”, do volume de 2015 *Histórias Curtas*, em que um ex-palhaço que agora trabalha como porteiro noturno fala da sua vida. Referindo-se ao circo decadente em que tinha atuado, escreve: “o único animal que se exibía era um cachorro que andava nas duas patinhas de trás, só isso; tinha um casal que fazia acrobacias, um mágico, um anão corcunda e dois palhaços, eu e o meu pai”¹⁴. Mais explicitamente, no já referido conto “O anão”, escreve a certa altura o narrador:

Mais respeito seu anão de merda. Peguei ele pelo braço e sacudi e joguei o anão de encontro a um automóvel que estava parado e ele fez uma cara tão infeliz que eu fiquei com pena e convidei ele para tomar um cafezinho. Mostrei o retrato a ele de novo, eu estou muito apaixonado, penso nela dia e noite, ela é branca como um lírio, e o anão ouviu atento dando pequenos grunhidos como os anões gostam de fazer, aquele anão pelo menos¹⁵.

Outro conto, talvez o mais perturbador desta série, em que o nanismo é tratado de um modo menos respeitoso é “AA”, que integra o livro *A confraria dos espadas*, de 1998. Só a meio da história é que o leitor percebe o

¹¹ Rubem Fonseca, *Carne crua*, Porto, Sextante Editora, 2019, p. 85.

¹² *Ibid.*, p. 89.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ Rubem Fonseca, *Histórias curtas*, Porto, Sextante Editora, 2016, pp. 162-163.

¹⁵ Rubem Fonseca, *O buraco na parede*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 81.

mistério que a envolve e que o AA do título não se refere a Alcoólicos Anônimos, mas antes a uma estranha modalidade desportiva, o arremesso de anão. A argumentação usada pelo narrador autodiegético sintetiza bem o pensamento dos defensores desta e de outras práticas equivalentes:

Direitos humanos... Um direito humano do anão é usar o seu corpo para ser arremessado à distância por alguns esportistas, antigamente os anões eram arremessados como brincadeira por bêbados nas portas dos bares, mas agora eles participavam de um esporte no qual eram os que mais adquiriam fama, Lenny, o Gigante, o anão inglês arremessado na final do campeonato britânico do Arremesso de Anão era mais famoso que o campeão Jimmy Leonard, os anões querem ter assegurado o direito de trabalhar, um boxeur tem o direito de ir para dentro do ringue levar socos, e alguns morrem das pancadas, Muhammad Ali ficou inválido de tanto apanhar, isso a televisão mostra e ninguém pensa em proibir, e algum anão morreu ou ficou aleijado?¹⁶

Contra o que possa parecer, esta atividade, mais conhecida pela designação inglesa, *dwarf tossing*, não é ficcional, embora não conste que tenha chegado ao Brasil e apesar da alegação contrária do narrador do conto “Outro anão”, de *Calibre 22*: “Cuidado com essas histórias de anões. Me contaram que havia um lugar onde anualmente ocorria um concurso chamado arremesso de anão, quem arremessasse o anão mais longe ganhava um prêmio. Isso é mentira. Tudo que as pessoas dizem, ou quase tudo, é mentira”¹⁷.

O exercício está hoje banido ou é alvo de restrições, mas chegou a ter alguma popularidade nas décadas finais do século passado nos países em que esteve ou está implantado. No entanto, e ainda que as diferenças sejam consideráveis, há em Espanha uma outra prática que também envolve (mas não em exclusivo) pessoas com nanismo: o *toreo cómico*, igualmente conhecido como *charlotada* ou *toreo bufo*. Trata-se, como indica a designação, de uma versão cômica da tourada, em que os touros são substituídos por novilhos e os toureiros por palhaços, quase sempre pessoas com

¹⁶ Rubem Fonseca, *A confraria dos espadas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 67.

¹⁷ Rubem Fonseca, *Calibre 22*, *op. cit.*, p. 83.

acondroplasia. Como seria de esperar, esta modalidade está em regressão e é cada vez mais contestada, tanto pelos movimentos antitouradas como pelas organizações defensoras das pessoas com deficiência. Apesar disso, os argumentos utilizados pelos seus partidários são muito semelhantes aos da personagem do conto de Rubem Fonseca.

Foi o que aconteceu em junho deste ano, quando um grupo espanhol veio a Portugal fazer um conjunto de quatro espetáculos deste tipo e se desencadeou uma pequena polémica, aumentada pelas declarações contrárias do Ministro da Cultura. Um cronista do diário *Público*, defendendo que não devemos “impor os nossos conceitos de dignidade humana a pessoas que não consideram que a sua dignidade esteja a ser ferida”¹⁸, terminou a sua crónica com o clássico argumento liberal: “Os anões toureiros estão a dispor do seu corpo como bem entendem – tal como uma *top model* ou um actor de filmes porno. Não gostam? Não vejam. Mas a liberdade alheia só deve ser invadida em raríssimas ocasiões, e esta não é definitivamente uma delas”¹⁹.

Não assumindo posição explícita sobre a exploração destas pessoas, Rubem Fonseca responde com uma ironia particularmente contundente aos argumentos favoráveis à prática do arremesso de anões: levando a observadora de uma ONG a mudar de posição. Veja-se esta passagem, já próxima do final:

E ela abriu a boca nesse momento para dizer isso é uma tolice e continuou calada, mas o seu rosto foi amaciando e teve uma hora que ela teve de se controlar para não rir e afinal ela voltou a falar, perguntou como é que o anão era arremessado e eu expliquei que duas tiras de couro eram passadas em volta do seu corpo, uma na altura do quadril e outra no peito, e que o arremessador agarrava uma tira com cada mão, colocava o anão em posição horizontal, a cabeça para a frente, e o arremessava dessa maneira²⁰.

¹⁸ João Miguel Tavares, *Anões, touradas, dignidade e liberdade: um caso exemplar*. “Público” (21 jun. 2022), URL: <https://www.publico.pt/2022/06/21/opiniao/opiniao/anoes-touradas-dignidade-liberdade-caso-exemplar-2010729>.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ Rubem Fonseca, *A confraria dos espadas*, *op. cit.*, p. 67.

Paralelamente a esta dimensão mais coletiva, que tem que ver no fundo com a situação do anão na sociedade, há contos de Fonseca em que essa figura é representada numa esfera mais pessoal, associada ao sonho e à alucinação, num processo em que o sujeito se confronta consigo mesmo e com os seus medos e inseguranças. No conto “Sonhos” de *Amálgama*, o narrador autodiegético consulta a psicanalista sobre os seus sonhos: “Ultimamente tenho tido os sonhos mais esquisitos. Sonhei que era um anão verde, que era um gigante, que era uma minhoca, que era uma unha encravada com micose, que era um saco de pipocas”²¹. Contudo, um pouco à semelhança de “AA”, a seriedade do tema dissolve-se no humor, desta feita mais ligeiro: o protagonista centra a terapia no sonho com a terapeuta, passando em seguida da fantasia à ação.

Já em “Perspectivas”, que integra o mesmo volume, o narrador em 1.^a pessoa confessa o seu medo dos anões:

Sempre que via um anão na rua – e estava sempre vendo anões na rua –, eu atravessava para o outro lado. Certa ocasião vi dois anões e fiquei tão em pânico que atravessei a rua desvairadamente e quase fui atropelado por um carro. Eu tinha medo de anão? Claro, acho que todo o mundo tem. Dizem que o demônio é um anão. Dizem que Azazel, o braço direito de Lúcifer, era anão²².

Apesar disso e de reconhecer que já matou “dois ou três anões”²³, conta que se apaixonou por Ana, que “[e]ra uma anã perfeita, nem deveria ser chamada de anã, era uma mulher pequenininha, mas toda proporcional”²⁴. No limiar do inverosímil, a história tem um volte-face – tratava-se de uma espécie de encantamento, agora quebrado pela observação de um estranho: “Mas certo dia um dos circunstantes, depois de apreciar as cambalhotas que Ana dava nas minhas costas, perguntou, essa anãzinha trabalha no circo?”²⁵.

²¹ Rubem Fonseca, *Amálgama*, op. cit., p. 119.

²² *Ibid.*, p. 44.

²³ *Ibid.*, p. 46.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ *Ibid.*

Um outro conto do mesmo livro, “O aprendizado”, segue uma linha parecida, com a particularidade de ser protagonizado (e narrado) por uma anã. Satirizando a industrialização da literatura, a narrativa apresenta-nos uma escritora frustrada que coleciona cursos de escrita, mas não é capaz de escrever e que desenvolve um ciúme doentio pela sua vizinha e rival, que alia o sucesso literário ao sexual. A sua condição de pessoa com acondroplasia só é revelada a meio da narrativa e, mesmo assim, de modo eufemístico: “Esqueci-me de dizer que sou uma mulher pequenina com cabeça grande. A altura eu aumento com o sapato de salto alto, mas a cabeça não há jeito de diminuir. Consultei os melhores cirurgiões da cidade e todos disseram ser impossível diminuir o diâmetro do crânio”²⁶. Depois de incendiar a casa da rival, também neste caso ocorre uma espécie de desencantamento, mas ao contrário, desta feita através de um espelho *real*: “Ao ir para o meu quarto, passei na frente de um espelho. As minhas sardas tinham desaparecido e a minha cabeça estava menor. Deus existe”²⁷.

A última etapa desta abordagem mais individualizada do nanismo coincide com o já citado conto “Outro anão”, de *Calibre 22*. Aqui um narrador que se reconhece prolixo começa por dissertar sobre “a história dos anões”²⁸, explicando as crenças míticas a eles associadas. Mais à frente, contrariando afirmações feitas noutros contos do autor, declara: “Não se vê anões nas ruas porque eles vivem numa pequena vila da periferia, não vou dizer o nome nem onde fica, e de lá os anões não se afastam. Eles executam várias tarefas, uns são tapeceiros, outros montam violões, violinos, violoncelos, etc.”²⁹. O passo decisivo para uma espécie de real maravilhoso ocorre quando o protagonista tenta comprar a um anão uma viola para substituir a que a namorada tinha quebrado. Acontece que Damião – “É o nome do anão. Anão também tem nome, o senhor não sabia?”³⁰ – não vende o instrumento a qualquer pessoa e quer ver primeiro o narrador a tocar.

²⁶ *Ibid.*, p. 106.

²⁷ *Ibid.*, p. 108.

²⁸ Rubem Fonseca, *Calibre 22*, *op. cit.*, p. 83.

²⁹ *Ibid.*, p. 84.

³⁰ *Ibid.*, p. 86.

Superada a prova, o sucedâneo do objeto mágico é entregue ao herói, que é deste mundo e não parece ter grandes qualidades heroicas.

Terminado este percurso, importa retomar o ponto de partida: que há de excesso e de contenção em todos estes textos com anões? Há, sem dúvida, um excesso de presença, que parece revelar uma espécie de obsessão. E essa sobre-exposição serve, por um lado, para pôr em evidência a margem a que são relegadas as pessoas com acondroplasia e, por outro, como um espelho em que os outros se miram, quase sempre de modo demasiado contido, só de relance, mas também com uma ansiedade excessiva que os leva para o lado de lá, para um princípio de maravilhoso. No entanto, o silêncio, a lacuna, a falta, são demasiado visíveis, cabendo ao leitor romper essa contenção. Num autor que fingia não se levar a sério, há o risco de se cair no vazio a que o humor pode conduzir. Mas há também a possibilidade de ler a obra na linha que Nélide Piñon sugeriu num depoimento a propósito da morte de Rubem Fonseca: “Em seus termos, era um moralista latino, de molde clássico, e padecia, portanto, com o ser que éramos e que não quisera que fôssemos. Sua obra admirável é um brado à natureza secreta do humano”³¹.

Bibliografia

Anónimo, ‘*Rubem Fonseca morreu sendo imortal*’, diz Nélide Piñon. “O Globo” (15 abr. 2020), URL: <https://oglobo.globo.com/cultura/rubem-fonseca-morreu-sendo-imortal-diz-nelida-pinon-leia-outros-depoimentos-24373436>, consultado a 3 out. 2022.

Bluteau, Rafael, *Vocabulário Português e latino*. Vol. III. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.

Chevalier, Jean et Cheerbrant, Alain, *Dictionnaire des Symboles: mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Paris: Robert Laffont et Jupiter, 1992.

Fonseca, Rubem, *A confraria dos espadas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

³¹ Anónimo, ‘*Rubem Fonseca morreu sendo imortal*’, diz Nélide Piñon. “O Globo” (15 abr. 2020), URL: <https://oglobo.globo.com/cultura/rubem-fonseca-morreu-sendo-imortal-diz-nelida-pinon-leia-outros-depoimentos-24373436>.

- Fonseca, Rubem, *Amálgama*. Porto, Sextante Editora, 2014.
- Fonseca, Rubem, *Calibre 22*. Porto, Sextante Editora, 2018.
- Fonseca, Rubem, *Carne crua*. Porto, Sextante Editora, 2019.
- Fonseca, Rubem, *Feliz ano novo*. 2.^a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- Fonseca, Rubem, *Histórias curtas*. Porto, Sextante Editora, 2016.
- Fonseca, Rubem, *O buraco na parede*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- Henriques Ana, *Touradas com anões: ministro da Cultura fala em atentado à dignidade humana*. “Público” (17 jun. 2022.), URL: <https://www.publico.pt/2022/06/17/local/noticia/touradas-anoes-ministro-cultura-fala-atentado-dignidade-humana-2010443>, consultado a 3 out. 2022.
- Houaiss, Antônio *et al.*, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva / Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2004.
- Lecouteux, Claude, *The Hidden History of Elves and Dwarfs: Avatars of Invisible Reals*, Tradução de Jon E. Graham. Rochester, Vermont, Inner Traditions, 2018.
- McWilliams, James, *From Throwing Sticks at Roosters to Dwarf Tossing*. Novembro 3 2017, URL: <https://www.theparisreview.org/blog/2017/11/03/throwing-sticks-roosters-dwarf-tossing/>, consultado a 3 out. 2022.
- Tavares, João Miguel, *Anões, touradas, dignidade e liberdade: um caso exemplar*. “Público” (21 jun. 2022), URL: <https://www.publico.pt/2022/06/21/opiniao/opiniao/anoes-touradas-dignidade-liberdade-caso-exemplar-2010729>, consultado a 3 out. 2022.